

A CRUZ E A ESPADA

POR DEUS, PATRIA E REI

1.º ANNO

Assignatura:—Por 3 mezes 300 reis, semestre 600 reis, anno 1200 reis. Anuncios, linha 40 reis, correspondencias, linha 40 reis. Sendo remetida a folha pelo correio, anno 12500 rs., semestre 750 rs.—avulso 40 reis. Toda a correspondencia será dirigida á administração, franca de portê, rua de D. Frei Caetano Brandão N.º 18, João F. Torres.

NUMERO 13

BRAGA

SABADO 22 DE ABRIL DE 1882

O CENTENARIO

A' ultima hora descobrio a patuscada liberal um novo meio de distrahir a attenção popular, afastando-a da marcha decadente da administração publica, para as festas ruidosas.

O expediente dos Centenarios, das festas reaes, dos apparatus espectaculosos, arrasta atraz das paradas, das palhaçadas ridiculas, e das philarmônicas, ao som do hymno da carta e do *sol-e-dó* avinhado, este povinho pacovio, em quanto se lhe tira a pelle, á vontade dos que dispõem da sorte do paiz.

Gasta-se á farta o dinheiro do povo em divertir os grandes da nação, encomendam-se ovações para elles, pagas á custa do povo, e dá-se-lhe em troca uma salva nas fortalezas, e um hymno qualquer na praça publica. No dia seguinte exige-se-lhe bolça ou vida: mais tributos!

Cada dia mais gemê a pobreza publica, mas as festas multiplicam-se. Carregam-se as industrias de contribuições vexatorias e impossiveis, fecham-se as fabricas, vão os exactores do fisco arrancar da bocca dos desgraçados a ultima migalha, mas á noite exigem-se luminarias, ha brodio, e dá-se á nação musica e foguetes.

Penhora-se aos desgraçados até a ultima cadeira para satisfazer á voracidade do deficit; deixa-se-lhes a casa vazia, leva-se-lhes até o misero lençol, e no dia seguinte penduram-se-lhes á porta as bandeiras e os galhardetes da liberdade que se diverte!

Levantam-se os queixumes, correm as lagrimas da desgraça, geme a miseria, mas essa voz, que é uma agonia abafa-se com musica!

Musica! Musica!

«Le roi s'amuse!»

Musica! Musica!

Que importa que se traga como pretexto uma commemoração nacional, ou a memoria de um scelerado qualquer? A questão é de festança hoje, e de voragem amanhã.

Venha a festa! Musica e mais musica!

Folgue a nação liberal. Para que é recordar o passado nas glorias do povo portuguez; para que é abrir a historia nas suas paginas mais brilhantes; para que é sustentar o fogo dos enthusiasmos pelo que tivemos de grande e de honroso?—Para a patuscada liberal basta o que lhe é mais sympathico: o nome do primeiro bandoleiro da revolução, a memoria do maior cri-

minoso que se tem conhecido entre todos os despotas de todos os tempos!

Musica, musica!
Ah! quem sabe se esta musica, que parece uma gloria, virá ainda a ser um *requiescat in pace*?

Este doudeante folgar pôde ser presagiador de grandes e fataes succedimentos!
Ha presentimentos que se manifestam a rir.

Mas, *rirá bien qui rirá le dernier*.
A França de Napoleão tambem morreu a rir.

Não ha orgia que não expire do mesmo modo, ou a dormir ou a rir.

Ao tempo que em Lisboa morria a rir uma gatta, na casa electiva morria a rir um governo. A gatta chamava-se Maria Ritta, áquelle governo cognominou, em phrase parlamentar, um dos nossos primeiros oradores—o governo Maria Ritta.

Na praça publica tambem podem acabar em riso os centenarios, e com elles morrer a rir uma formula politica, que a historia cognominará «orgia liberal.»

Chegámos á época das caricaturas, e estamos no seu pleno imperio. Descem ellas dos pontos mais elevados aos mais rasteiros, e exhibem-se entre o povo como os histriões em pleno carnaval. A isto chama-se uma homenagem nacional!

Era mister que estivesse a prumo o sol da liberdade para que um tal spectaculo se desse. Portugal está sendo o melhor debique de todos as nações do mundo.

Se uma commoção forte não vem pôr termo a este estado vergonhoso e impossivel, a que extremos nos levarão tanta loucura e tanto ridiculo?!

Este entrudo politico carece de um termo, tenha elle o nome de republica, de communismo, de... seja o que fór; aliás teremos de ver levantarem-se monumentos aos Varões de Catanea ou aos Diogos Alves e aos Josés do Telhado, como vultos dignos de um paiz que enlouqueceu.

Usque taudem!

O PASSADO E O PRESENTE

I

Quem tiver conhecimento d'esse povo de heroes que se constituiu em nação independente na primeira metade do seculo XII, duvidará que o Portugal d'hoje seja o Portugal d'Ourique e Almacave, cuja existencia sete vezes secular é uma longa serie de famosos feitos. Este pequeno canto occidental da Europa deu brado no mundo inteiro; o punhado de bravos que o habitavam, fez pasmar os povos todos com seus prodigios de valor e sabedoria. Nossos portentosos avós, não contentes

alegria, sendo olhado como salvador da Patria!!...

Aqui acaba quanto se diz d'esta passagem, e toça-nos já dar remate á vida de tão alto Cavalleiro, que por seus feitos gloriosos muito concorreu para fundar este Reino. Concordam todos os escriptores em que elle morrêra de muita idade, sem que tudo marquem qual ella fosse, discordando porém quanto a occasião do seu fallecimento, que uns dizem ter acontecido indo na jornada d'Ourique com D. Afonso Heuriques, outros o dão ainda combatendo n'esta famosa batalha, e o fazem morto pelo anno de 1146, o mesmo, em que tivera logar o casamento de D. Afonso com D. Mafalda. Nenhuma duvida porém resta quanto ao local da sua sepultura, que vamos achar nas suas terras de Entre Douro e Minho, lá n'esse velho Mos-

teiro de S. Salvador do Paço de Souza, tambem sua piedosa edificação, e a cujos moradores muito legára dos seus bens. Saudosas memorias nos offerece o seu sepulchro; e a quantas meditações não dará elle logar!... Duas vezes foi casado D. Egas Moniz, a primeira com D. Mór Paes, filha do Castelhana D. Paio Goterre da Silva, que antes da vinda do Conde D. Henrique governava a comarca de Braga em nome do Rei de Castella, e a segunda com D. Thereza Afonso; e teve varios filhos, que em preeminencias, e feitos d'armas sustentáram quanto seu pae tinha merecido, notando-se entre elles Lourenço Viegas, que foi procurador de El-Rei D. Afonso nas Côrtes de Lamego, e teve o nome de Espadeiro pelo mui galhardo cortar de sua espada, Sueiro Viegas, e Mogo Viegas, que obraram maravilhas na bata-

com expulsar os mouros do nosso territorio ou submettel-os, ajudaram a lançal-os de toda a peninsula hispanica ou a reduzil-os á impotencia; ainda não satisfeitos com isto, foram castigal-os e impor-lhes o jugo ás plagas africanas; anciosos por exercitar a sua nobre actividade estendendo o poderio do seu soberano e a fé do seu Deus, emprehenderam admiraveis navegações, fizeram importantissimas descobertas, abriram novas vias ao commercio da Europa, fundaram o pujante imperio portuguez na Africa, Asia, America e Oceania, e plantaram em todos esses paizes até então desconhecidos a cruz do Redemptor.

As nossas poderosas esquadras, ostentando o sagrado pendão das Quinas, sulcavam todos os mares, e levavam por todas as partes o nome e o dominio portuguez. Portugal era admirado e respeitado, e as mais vastas e mais celebres monarchias buscavam a sua amizade e a ligação com a sua real familia.

No entretanto, no interior não se cruzavam os braços no seio da indolencia: a sabedoria dos governantes e a actividade dos governados produziam resultados maravilhosos. Ao passo que se defendia a nossa independencia contra a avidez de poderosos visinhos, não se descuavam os interesses religiosos e materiaes do paiz.

Não havia barcos de vapor, telegraphos electricos, caminhos de ferro e illuminação a gaz, porque essas e outras invenções são modernas; mas preparavam-se os materiaes e aplanava-se o estrada para ellas; mas edificavam-se ou reconstruam-se cidades e villas; mas lançavam-se pontes sobre os rios, e tratava-se das vias de communicação conforme os conhecimentos de cada epocha; mas erguiam-se templos magnificos, que, além de piedosas casas d'oração, eram superbos monumentos architectonicos; mas levantavam-se vastos conventos, onde se cultivavam no remanso da paz as sciencias e as letras, onde as almas atribuladas ou contemplativas achavam um asylo contra as agitações do mundo e um caminho para a perfeição evangelica, e onde os povos encontravam pão do corpo e do espirito, remedio ás suas necessidades temporaes e eternas; mas dava-se impulso ao aperfeiçoamento, ainda fóra do claustro, de todos os ramos do saber, das bellas-artes e das artes mechanicas, enchiam-se as bibliothecas de numerosos e doutos volumes, e as egrejas, palacios e mosteiros de obras-primas.

II

Ainda no principio d'este anno se prestou oficialmente a mais rasgada homenagem ao passado. O senhor D. Fernando, na qualidade de presidente da commissão central directora da exposição de arte or-

namental, proferiu um discurso de que com immensa satisfação trasladamos os seguintes periodos:

«Avivar a memoria do grandioso passado de Portugal, que nos feitos das suas armas e nos commettimentos da sua navegação, nos primores da sua litteratura e na riqueza das suas produções artisticas, encerra tantas e tão preciosas tradições, é sempre grato a quem presa, como eu, o merecido renome d'este paiz.

«O que foi Portugal em outros tempos, dizem-o as nossas letras, attestam-o os nossos monumentos.

«Chronistas e poetas se esforcaram por assignalar, em circumstanciadas narrativas e em alevantadas estrophes, o que de mais avantajado e bello tem a concepção artistica produzido em seculos que decorreram.

«Mas não só nos grandes monumentos se revelam e traduzem as grandes creações da arte.

«Tão vastos e tão diversos são os campos de exploração, que ella abre ao genio dos que a cultivam, que, a par d'esses testemunhos sempre patentes do florescimento e grandeza de outras éras, muitas produções nos foram legadas, que pela riqueza dos seus labores, pela originalidade dos seus relevos, ou pelo interesse historico da sua elaboração, bem mereciam accurado exame e confronto.

«E d'estas, se não poucas se perderam nas vicissitudes das lutas politicas, bastantes nos restaram ainda, ou refugiadas á sombra dos conventos (1) ou transmitidas como precioso espolio de familia ou procuradas e adquiridas pelos que melhor lhes conheciam o valor...

«Assim possam os apreciaveis exemplares da arte ornamental, que nos foi dado colleccionar aqui, attrahir o estudo e a comparação das successivas evoluções em que o espirito artistico mais se tem distinguido, a fim de que as recordações do passado sirvam de estimulo aos emprehendimentos do futuro.»

E o Senhor D. Luiz, no discurso que pronunciou pela mesma occasião na que chamou «solemne affirmação da vitalidade d'outr'ora», não menos que seu augusto pae tributou encomios á memoria do passado dizendo:

«Se as exposições são sempre de larga utilidade e proveito... em especial consideração deve esta ser tida pelas recordações que nos traz dos velhos tempos de Portugal.

(1) Que preciosa confissão! Sofreram muito as artes em Portugal com a rapina dos invasores francezes, porém ainda mais com a *razzia* do liberalismo: *quod non fecerunt barbari, fecerunt barbarini*.

lha de Campo de Ourique e dizendo-se tambem, mas não é certo serem seus filhos Mem Moniz, e Martim Moniz; e não deixaremos de mencionar sua filha D. Leonor Viegas, que segundo a alguns parece foi casada com Gonçalo Mendes da Maia, o Lidador.

O inclito Varão D. Egas Moniz, vencedor, fundador, e povoador, como o foi D. Afonso Henriques, a quem creara, e para quem abriu o caminho da gloria, vivirá sempre lembrado por aquelles que souberem apreciar a lealdade portugueza, e a gloriosa independencia d'esta Monarchia.

(Conclue.)

FOLHETIM

BIOGRAPHIA

DE

D. EGAS MONIZ

(Continuado do n.º 12)

Que El-Rei de Leão arrancára primeiro a espada contra o velho D. Egas, mas depois commovido por tanta lealdade, a deixára cahir, acabando esta scena em lhe perdoar, abraçando-o, e premiando-o. D. Egas voltára então a Portugal, onde fóra recebido com todas as demonstrações de

Entre Douro e Minho, lá n'esse velho Mos-

«Tempos heroicos e grandes, em que a audacia que impellia a navegação nos rasgava os horizontes de novos mundos, e em que a espada que assegurava a conquista ia desvendando no solo de além-mar riquezas que nos accrescentavam, valimento.

Os bellos monumentos que possuímos, as notaveis produções de arte que nos restam, são ainda hoje bem viva demonstração do que foram e do que valeram os empreendimentos de outras éras.

«Por isso, e ao ver reunidos aqui tantos e tão preciosos exemplares da nossa antiga arte, tantos e tão frisantes testemunhos da opulencia dos seculos que vão decorridos, me sinto feliz ao solemnizar um acto, que bem merece de Portugal pelas reminiscencias que desperta da nossa historia e pelos sentimentos que invoca do nosso patriotismo.»

A imprensa periodica, pela sua parte, não deixou de reconhecer e manifestar que era aquella exposição «o monumento das nossas glorias, a affirmação da nossa antiga riqueza, o resto de passados esplendores, o pregão da nossa mnita piedade.» Poderamos multiplicar as citações, porem limitamos-nos a transcrever as seguintes linhas do *Commercio do Porto*, sobremaneira significativas:

«... Esse certamen attesta a grandiosidade da elevação artistica e creadora que em outros tempos teve a nação portugueza, quando a arte irradiava, com os seus mais esplendentes clarões, pela Europa culta. Commungamos então no vivo banquete impulsional dos melhores espiritos e das melhores creações artisticas; e a prova solemne, irrespondivel e incontestavel está ali n'aquella boceta de *bijous*...»

Mal avisados, pois, andamos idolatras do presente em deprimir e escarnecer o passado, apresentando-o como um periodo de *obscurantismo, ignorancia, servilismo, superstição etc.*; porque fazem uma affronta ás cinzas dos seus ascendentes, porque desconhecem as glorias da sua patria, e porque mostram ignorar que o progresso e a civilização do presente seriam impossiveis sem o progresso e a civilização do passado!

E quaes foram os moveis a que obedeceram nossos avós na sua resplandecente carreira de triumphos e glorias? Em primeiro lugar, a fé viva e a pura virtude; em segundo lugar, o firme e ardente amor da patria e liberdade; e, finalmente o affecto mutuo e a união entre os monarchas e os subditos, ou antes paes e filhos.

Houve erros, grandes erros, houve peccados, peccados graves, nos tempos passados, porque não ha nação cuja historia esteja d'elles pura; porque os velhos portuguezes eram homens, e dos homens é proprio errar. Mas que heroismos, que dedicações, que commettimentos, que honradez, que grandezza, que esplendor para offuscar aquellas manchas!

A estrella de Portugal subiu ao apogeu, e apoz declinou, é certo; e não se cansem os modernos publicistas a buscar a esse phenomeno causas imaginarias, que a verdadeira a apontou Bacon, ha cerca de trezentos annos. «It is vain to think that a handful of people can, with the greatest conrage and policy in the world, embrace too large an extent of territory: it may hold for a time, but it wil fail suddenly.— E' loucura pensar que possa um punhado de gente, ainda com o maior valor e politica do mundo, abranger uma extensissima porção de territorio: poderá por algum tempo sustentar-se, mas cahirá de subito.»

(Continúa).

B.

RELIGIÃO

MOYSÉS

Chegou por fim o momento tão temido. Afogando animosamente suas dores, deu á luz um formoso menino (1725) que creou, occultando-o a todas as vistas, até á idade de tres mezes, julgando que só ella e sua familia eram senhores de tal segredo. Porém a boa mae enganava-se: foi denunciada á auctoridade.

Um dia em que, occupada nas lides domesticas, se distraía alguma vezes d'ellas para acalentar seu filho que descansava n'um berço de junco, entrou Maria precipitadamente a avisá-la de que se dirigiam soldados para sua casa. Jocabed soltou um grito; um raio que caísse a seus pés não a teria deixado mais aterrada. De prompto, comprehendendo que um instante de va-

cillação compromettia a vida de seu filho, lançou-se para o berço com a rapidez do pensamento, pegou n'elle e, delirante de terror, sahio de casa, seguida de Maria. Sem saber para onde se encaminhava, corria, corria, apertando contra o seio o seu precioso fardo, e não se deteve senão quando chegou ao meio d'um espesso canaveal que crescia nas margens do rio sagrado dos egypcios. Ali se deixou cair de cansaço, deitando ao redor de si um olhar cheio de angustia e afflicção.

Mil sinistras idéas agitavam a mente da desventurada mae. Rebelde ás ordens do rei e conhecendo o intenso odio que este tyranno abrigava contra o povo hebraico, cria já certa a ruina da sua casa, o exterminio da sua familia; porém que lhe importava isso se conseguia salvar seu filho? O essencial n'aquelle doloroso transe, o supremo objecto a que devia consagrar os seus esforços, era cumprir o seu dever de mae.

No entanto chegaram os soldados em sua perseguição.

Jocabed levantou-se d'um salto, precipitou-se para o rio e entrou por elle dentro até lhe dar a agua pela cintura. Com o cabelo em desalinho e pintando-se mortal agonia em seu pallido rosto, assim permaneceu immovel, com o berçinho á cabeça, a dirigir ao ceu uma ardente e indefinivel supplica. Deus teve compaixão sem duvida da sua infelicidade, porque no mesmo instante em que os soldados se acercavam para lançar-lhe a mão, brillhou um raio de celestial alegria no seu semblante, illuminado como por uma aureola divina, e, como se obedecesse a um pensamento salvador que lhe houvesse occorrido, cobriu de freneticos beijos o seu filho e depositou de leve o berço nas aguas do Nilo.

(a) O menino dormia tranquilamente como se estivesse no regaço de sua mãe. A hebreia voltou-se para os sicarios de pharaó aterrados, e dominando por meio d'um sobrenatural esforço a commoção que sentia, disse: o vosso príncipe ordenou a morte de meu filho e como vedes acabo de lançá-lo ao rio. Por duros que fossem os corações d'aquelles homens; por mais que a abjecta escravidão a que estavam acostumados alheasse de seus peitos todo o sentimento de piedade, não poderam deixar de commover-se perante aquelle immenso sacrificio. Depois de uma curta demora, julgando cumprida a sua missão, retiraram-se em silencio. Jocabed ficou com os olhos cravados no rio. O Nilo tinha pouca profundidade n'aquelle sitio e a corrente era mansa. O berçinho deslizando vagarosamente pela agua ia se afastando da margem.

Porém não era o tenro infante que prendia as atenções da mãe n'aquelle momento. A pequena distancia, no meio do rio, elevava-se uma ilha, coberta de elevadas palmeiras e lotos aquaticos, e a este logar de deliciosa frescura acabava de atracar uma barca ricamente adornada.

O toldo de purpura que a cobria e a doirada mitra de Osiris entalhada na proa deixavam ver á primeira vista que pertencia á casa do Rei. Dous escravos ethiopes, que desempenhavam o officio de remeiros, saltaram da barca, amarraram-na e, postos de joelhos, estenderam os braços, negros como ebano, para que se apoiasse nelles, ao tomar terra, uma joven de incomparavel belleza. Atrás seguiam-na outras senhoras que, pelos modos sollicitos e maneiras respeitadas, se conhecia serem suas aias.

Os braceletes de ouro coalhados de pedraria e o colar que lhe cobria o peito fulgurarem como uma cascata de fogo ferida pelos raios do sol nascente. Era Thermutis, a filha adorada do soberano, princeza notavel pelo ascendente que exercia sobre seu pai e pelos conhecimentos extraordinarios que possuía em todas as sciencias em que então florescia o Egypto. Logo que desembarcou, suspenderam os ethiopes dos ramos de uma arvore um precioso toldo semelhante ao que cobria a gondola, e tomando uns grandes leques de vistosas plumas que traziam as suas companheiras, começaram a agital-os, como se quizessem refrescar a já agradável temperatura do oásis. Sentada debaixo do pavilhão que lhe haviam preparado, a donzella com os

(a) D'este junco (papyrus) se fazia uma espécie de barcas muito usadas no Nilo, como se pôde ver em Herodoto, Plínio e Lucano. Não sabemos se por allusão a ellas se chamaram *junco*s, umas pequenas embarcações de que a cada passo está João de Barros fazendo menção nas Decadas.

olhos fitos no Nilo que corria a seus pés como uma immensa fita de prata, parecia meditando. Porém este estado durou apenas alguns minutos. Um objecto que, sobrenadando, avançava para a ilha, despertou-lhe a attenção e manifestou desejos de saber o que seria. Immediatamente um dos ethiopes se arrojou á agua: veloz como um delim, nadou para o objecto que lhe indicara a princeza e pouco depois lh'o apresentou.

As aias saltaram um grito de espanto. Era um formoso menino que Thermutis examinou com signaes de profunda compaixão—Ah! disse ella, é um menino hebreu. Sua pobre mãe viu-se certamente forçada a arrojá-lo ao rio em cumprimento da lei que condemna á morte todos os recém-nascidos da sua raça. N'este momento acordou a meiga creancinha; estendeu para Thermutis os seus bracinhos e deixou perpassar pelos labios um doce sorriso. A princeza a quem como mulher tudo isto fallava ao coração, tomou-o nos braços e beijou-o na fronte. Entretanto Jocabed que não perdia uma só minuciosidade d'esta commoveedora scena, dirigia ao ceu uma oração que era a expressão do seu eterno reconhecimento por ver que o Senhor havia posto em execução o pensamento que lhe havia inspirado. Com effeito, quando no cumulo do desespero ia arrojar-se ao Nilo, não podendo escapar de outra maneira aos seus perseguidores, fez Deus acudir á sua mente a idéa de que, sendo aquella a hora em que a princeza costumava banhar-se, não podia deixar de ver o berçinho e que, bondosa como era, mandaria recolher o desgraçado menino.

Porém a sua confiança em Deus ainda foi além da sua expectativa; porque, mandando logo a princeza procurar uma ama hebraea para o menino em consequencia de nenhuma egypcia querer tomar sobre si semelhante encargo, por se julgar infamada, quiz Deus que a propria mãe fosse a escolhida. Bem quizera Jocabed manifestar á princeza a sua immensa gratidão, ao encarregar-se do menino; mas conteve-a o temor de que ella podesse penetrar o seu segredo e por isso suffocou o seu generoso sentimento. Honra a esta heroína, a esta mãe de coração amante e dedicado, que possuía em alto grau o amor maternal, essa espécie de instincto sublime que é como que o laço sagrado que une uma mãe a seus filhos.

Os filhos devem abaixo de Deus a existencia a seus paes, dependem em tudo d'elles, são como uma parte integrante do seu ser e por isso o amor dos paes não differe do amor proprio. Quem não ama a si mesmo? Jocabed fez mais: elevou o amor de mae acima do amor proprio, porque ariscou a vida pela salvação da de seu filho.

Augusto Semblano.

AO SAMEIRO!!!

Como a maçonaria portugueza designou o dia 8 de maio para festejar o centenario do marquez de Pombal—e não representando semelhante centenario mais do que um insulto á nossa relegião, e um escarneo ás nossas crenças e ao clero sabio, illustrado e virtuoso; não podemos, e não devemos porisso ficar silenciosos diante d'um espectáculo tão vergonhoso, que bem mostra a decadencia do estado moral e relegioso do nosso povo.

E' preciso, pois, que Braga, a fiel depositaria das crenças de nossos maiores, e que ainda tem a gloria de conservar dentro de seu seio filhos que se não envergonhão do nome de christãos, levante com o maior enthusiasmo, o grito facinador:

Ao Sameiro, catholicos bracarenses!
Ao Sameiro, aos pés da SS. Virgem.
Ao Sameiro!: ah! pretestemos deante da Mãe de Deus contra os insultos feitos á nossa relegião— contra a perversidade do seculo: contra a desmoralisação dos costumes e contra a impunidade da imprensa impia e desbragada, que diariamente vae dessecando com o seu veneno a nossa pouca vitalidade no respeito para com Deus e no amor para com o proximo.

Unamo-nos; fechem-se as portas e caminhemos todos ao Sameiro. Será este o mais solemne protesto de um povo catholico.

Pelimos encarecidamente ás commissões dos Artistas, do Commercio, da Lapa, e outras que promovem n'aquelle dia uma peregrinação ao Sameiro, no que serão acompanhadas por toda a cidade. A vante bra-

carenses! Nada de esmorecer, porque a Virgem SS. recompensará os vossos esforços, e a relegião bem dirá de seus filhos.

Não precisamos de festejos, e só sim boa contricção, e caminhemos resando até ao cumo do monte, e ali, aos pés da Rainha dos Ceus.— assistamos a uma missa cantada, sermão e ladainha.

Avante, avante, catholicos bracarenses! Ao Sameiro, ao Sameiro no dia 8, e assim teréis a gloria de vingar os insultos e sarcamos arremachados pela maçonaria portugueza á fé e ás crenças do povo portuguez.

A nossa relegião é a Catholica Apostolica Romana.

Abençoa-la será a nossa idéa se fôr por diante. Assim o esperamos.

LAGRIMAS E SUSPIROS!

Á MEMORIA DO MEU SAUDOSO AMIGO

JOÃO PERRY

Eu guardo, na gaiola, esse canario, que me deste, nos tempos de ventura, cujo canto me chama á sepultura, onde tu, hoje, dormes solitario!

Quando o sol se mergulha lá no mar e elle solta mavioso os seus cantares, tu não sabes então que de pezares seus gorgeios produzem, no meu lar!

E ao vê-lo, nos dias de finados, ao romper das sombrias madrugadas, a soltar seus gemidos magoados,

eu junto então ás lagrimas choradas os suspiros de dor inda orvalhados, com o orvalho das frescas alvoradas!

Braga—1882;

Jayme d'Almada.

NECROLOGIO

Está de rigoroso luto um homem a quem a morte tem inexoravelmente roubado todos os entes queridos. O snr. dr. Pereira Caldas, esposo e pae extremoso vê-se hoje só. A unica e virtuosissima filha que a Providencia lhe deixara por mais algum tempo a seu lado, levou-a Deus hontem ás 10 horas da manhã. A pobre martyr, que foi um modelo de virtudes e dedicação por todos os desgraçados, morreu abraçada a seu pae, pedindo-lhe com a serenidade de quem está aparelhada para tremenda viagem, que era sua ultima vontade que só alguns pobres a acompanhassem á derradeira morada, e que quera ir descalça e coberta com o habito de Nossa Senhora do Carmo.

Não sabemos que palavras possam ser lenitivo á profunda dor do nosso amigo, que hoje se vê sózinho no ultimo periodo da sua vida.

Que a cruz do seu soffrimento lhe sirva tambem de alento e de coragem para transpôr resignado a estrada dolorosa, com que approve á Providencia apurar-lhe a sua constancia.

Receba o nosso prezado amigo e distincto professor Pereira Caldas um apertado abraço, como expressão da partilha que tomamos na sua justissima saudade.

(Constituinte)

NOTICIARIO

A Peregrinação.—Era meio dia de 17 do corrente, quando á estação do caminho de ferro chegaram em um comboio de 60 wagons, uns 1:200 peregrinos que de Estarreja vieram prestar culto de adoração á Santissima Virgem do Sameiro.

Musica e girandolas de foguetes annunciaram a vinda dos fervorosos romeiros.

Ali, na estação, e até ao campo de Santa Anna era esperada por mais de 10:000 pessoas.

Nunca monarcha algum teve tão concorrida espera.

É que o povo esperava o povo, e esperava dominado de sentimentos verdadeiramente religiosos, porque foram estes tambem os que determinaram os habitantes de Estarreja a virem a Braga debaixo do pezo de immensas despesas.

Pela meia hora começaram os peregrinos a seguir caminho para egreja dos Tercei-

ros, marchando pela rua Nova, onde as janellas de todos predios até ao Campo de Sant'Anna se achavam ornados com ricos cobertores de damasco de diversas e variadas côres.

Com cortinas, bandeiras e galhardetes se achava tambem enfeitado o Arco da Porta Nova, produzindo um effeito sorprendente.

Adiante ia uma musica e, após estas, crianças em 2 renques vestidas de anjos, levando uma bandeira com a legenda *Braga sauda os peregrinos de Estarreja*.

A meza da confraria do Sameiro, a comissao da peregrinação e todos osromeiros, seguidos de muitas pessoas d'esta cidade, formavam o resto do prestito, imponente, magestoso, enorme e commovente.

Os parochos e todos os ecclesiasticos das freguezias dosromeiros e muitos d'estes traziam bandeirinhas azues e brancas.

Em diversos pontos do transito tocavam philharmonicas os hymnos da Santissima Virgem.

Chegados que foram ao Terceiros ali foi entoada com toda a devoção uma ladainha á Virgem.

Terminado este acto religioso, dispersaram-se os peregrinos por diversas partes da cidade, a tomarem alguma refeição.

Não se esqueceram, porém, elles, verdadeiros e fervorosos crentes de visitarem os diversos templos, principalmente o Carmo.

De tarde foram para esta egreja e para os Terceiros confessar-se, demorando-se os confesores até ás 10 horas da noite.

E a estas 1:200 pessoas, a maior parte sem recursos, não fallára casa!

E que a meza da confraria do Sameiro foi providente e solícita, em conseguir dos bondosos habitantes d'esta cidade agasalho para todos os devotos forasteiros.

No dia 18 de manhã houve communhão geral na egreja dos Terceiros, sendo precedida e seguida por praticas allusivas a actos religiosos tão solemnes, feitas pelo rev.º padre José d'Oliveira, de Cervães.

Pelas 8 horas começou a peregrinação a caminho do Sameiro.

Adiante ia uma philharmonica e em seguida a cruz de prata da confraria do Sameiro, levada por um dosromeiros de Estarreja.

Homens de todas as classes e de todas as idades formavam a primeira secção ou troço que terminava pelos ecclesiasticos, em numero de 26, os quaes ao som d'uma philharmonica cantavam o hymno da Virgem Santissima; tanto estes, como um grande numero de peregrinos, levavam na mão bandeiras azues e brancas.

E elles todos caminhavam com a maxima gravidade, com acolhimento profundo e fervor verdadeiramente edificante.

Ao meio não iam senão osromeiros ou peregrinos de Estarreja, em duas filas. Os habitantes de Braga formavam alas á direita e á esquerda para ver passar a peregrinação e estas alas se estendiam, desde os Terceiros até ao fim da rua de D. Pedro V, perto de 2 kilometros.

E ellas? Sim ellas, as mulheres tambem de todas as categorias e idades iam, após os ecclesiasticos e a musica, no couce do prestito, todas cheias de fervor, devoção, piedade e de profundo e indisvel recoilhimento!

Que exemplo para todos osromeiros!

E lá foram caminhando... E... phenomeno, verdadeiramente miraculoso! o dia que ameaçava torrentes de agua por que o sol se achava coberto de espessissimas nuvens, foi aclarando e illuminando-se á medida que a peregrinação avançava! Nos montes, nos campos e na cidade começavam a incidir os raios do sol; alegrou-se o dia e tornou-se até esplendido apesar dos protestos de um vento sul teimoso!

Pelas 10 horas chegou a peregrinação ao Bom Jesus, e a Braga a certeza de que a chuva não tolheria a solemnidade d'esta imponente manifestação religiosa.

Depois d'ali almoçarem, visitarem o templo, prestando adoração ao Martyre dos martyres, e entregarem uma esmola de 10\$000 reis, seguiram na mesma ordem já descripta para o Sameiro, onde deram ingresso pelo meio dia, e onde foram recebidos por uma philharmonica, pela respectiva meza, subindo ao ar muitos foguetes.

Entrados no templo, celebrou missa o sr. prior de Salreu e orou o sr. padre Antonio Nogueira Simões de Moura, d'Angeja, exaltando as inimitaveis virtudes da Virgem e prestando culto de admiração e respeito ao mysterio de sua Immaculada Conceição.

Por fim terminou o illustrado orador sagrado por agradecer aos habitantes da augusta cidade de Braga, á meza da confraria do Sameiro e ás commissões da peregrinação,

a recepção e bom acolhimento, e todo o auxilio que tinham prestado aos forasteiros, para tão satisfatoriamente e a geral contento poderem realisar a peregrinação.

Terminada esta pratica, foi cantada a ladainha da Virgem Santissima.

A comissao fez depois entrega de uma avultada esmola e, pelas duas horas, deu-se por finda a peregrinação.

No dia 19 pela uma hora da tarde partiram em comboio expresso aquelles bons e devotos forasteiros, tranquilos da sua consciencia, pelo acto que, como verdadeiros crentes, tinham realiado e contentes e agradecidos pelo bom, sympathico e respeitoso acolhimento que Braga lhes fizera.

O Ceu os cubra de graças, porque pela sua acrysolada devoção vieram de terras longiquas, e com grande sacrificio de viagem e de despeza, prestar adoração ao asombroso mysterio da Immaculada Conceição de Maria Santissima, Mãe de Deus.

Registe-se nos annaes religiosos d'esta cidade, para todo o tempo constar, a peregrinação ao Sameiro pelo bom povo d'Estarreja, como exemplo da mais sincera, fervorosa, acrysolada e commovente peregrinação.

E nós, os bracarense, tambem devemos estar satisfeitos porque lá, ao longe, se dirá que os habitantes de Braga teem sentimentos profundamente religiosos, fraternaes e hospitaleiros. Com o coração a trasbordar de alegria, enthusiasmo e reconhecimento o disse já da tribuna sagrada o sr. padre Simões de Moura.

Ao Sameiro.—Continuamos a reproduzir o artigo com o título que nos serve de epigraphe a esta local, até o dia 8 de maio, visto ter encontrado ecco no coração dos habitantes d'esta cidade, e ser-nos pedida a sua reprodução.

Melhoras.—O nosso collega e amigo, o Sr. José Maria Pereira, foi sacramentado na 2.ª feira á noite, e, graças a Deus, tem experimentado algumas melhoras: O nosso coração regorgita d'alegria e anhela pelo prompto restabelecimento do nosso inseparavel companheiro. Entregamos a sua causa á Santissima Virgem do Sameiro, e por isso estamos cheios de confiança.

Parabens.—A nobre e honrada classe dos artistas, d'esta cidade, representada pela comissao organizada para ofertar á Virgem Santissima do Sameiro, como offerto o anno passado a valiosa Cruz de prata, primor d'arte de nossos filhos do trabalho, resolveu no dia 8 de maio subir a colina do Sameiro.

E assim como os homens, que ganham o pão ao soôr do seu rosto, protestam contra uma festa maçónica: E assim como se mostra a fé do nosso povo, que, graças a Deus, ainda não está corrompido, com a muita sciencia e luzes do seculo. Abençoados sejam os vossos passos.

Ávante!

A Associação Catholica.—Esta benemerita Associação, que tantos beneficios tem feito n'esta cidade á religião e á moral, é a quem compete tomar a vanguarda na cruzada contra o *centenario maçónico*, porque a sua missão é opôr-se a tudo quanto for d'encontro á religião Catholica Apostolica Romana. Esperamos que assim aconteça, tendo a mesma Associação á sua frente o Ex.º Sr. Henrique Freire.

Folgaremos de ver mais esta pedra engastada na corôa de S. Exc.ª.

A Camara nossa senhora.—Perguntamos: aquellas obras—construção de cazas além da Ponte de S. João—é cousa seria, isto é para ali permanecerem, ou só para ensaio de algum engenheiro em projecto?

Fazemos esta pergunta, porque não acreditamos que houvesse camaras n'este reino, que consentissem semilhanes obras. É uma vergonha tolher-se aquelle formozo local.

Incommodo.—O sr. Antonio Maria da Fonseca, muito illustrado correspondente do *Commercio do Porto*, tem passado bastante incommodado. Sentimos de veras os seus padecimentos e desejamos vel-o restabelecido.

Companhia do Principe Real.—Custou-lhe mas sempre veio.

Amanhã e segunda feira arraza-se o theatro de S. Geraldo. Não se arraza, queremos dizer que se enche, porque a companhia do Principe Real resolveu-se a dar-nos duas recitas, levando a scena a *Filha do Tambor Mór* e a *Cabra cega*.

Apontamentos auxiliares para o estudo da 1.ª e 2.ª parte da lingua Portugueza.—Recebemos um livro do distincto professor d'esta cidade o Ex.º P.º Manoel José Pereira, com o título, que nos

serve d'epigraphe e pelo rapido exame que d'elle fizemos, parece-nos que vem preencher uma importante lacuna. Agradecemos-o e d'aqui felicitações o seu auctor.

É digno de louvor.—O Ex.º Sr. Jeronymo da Cunha Pimentel, digno Governador Civil d'este districto, foi, acompanhado pelos seus empregados esperar no dia 17 do corrente á estação do caminho de ferro, os peregrinos de Estarreja, dando n'este dia feriado.

Acções d'estas nobilitam.

D. Miguel e sua realza.—Este importantissimo folheto, que tão admiravelmente refuta o que o sr. Thomaz Ribeiro escreveu com respeito ao direito em que assenta a legitimidade do Senhor D. Miguel, e que desfaz com mão poderosa, os sophismas e erros historicos encaixados a êsmo na *dissertação juridica do ministro d'Estado*, por obra e graça da *liberdade*, cizenta: acha-se á venda no escriptorio do jornal, a *Nação*, nosso respeitavel collega, e na livraria do sr. Lavado, rua Augusta, Lisboa: Preço 100 reis provincias 120.

Desgraça.—No domingo passado na freguezia de S. Martinho de Fradellos, por volta da uma hora da tarde, achando-se um pobre velho a jantar junto ao lume, cahiu e com tanta infelicidade, que não se podendo levantar, e não tendo ninguem dentro de casa, ficou completamente carbonizado da cinta para cima. Chamado immediatamente o rev.º parochio da freguezia de Tadinm teve apenas tempo de lhe lançar a absolvição, fallecendo o velho momentos depois.

O Marquez de Pombal, com annos depois da sua morte.—Recebemos o primeiro fasciculo d'esta importante publicação de que é auctor o ex.º sr. conde de Samodães.

Agradecemos e no lugar competente vae a publicação do sumario d'esta valiosa produção de tão eminente escriptor catholico.

Os Pombalistas e o Sr. Camillo Castello Branco.—Este eminente romancista portuguez foi convidado pelos *macaqueiros* para collaborar no numero—*primor d'arte, e engenho velho do centenario pombal*, mas, o bom historiador, embora muitas vezes voluvel, respondeu-lhes *boas noites meus freguezes*; hoje não pôde ser—contentae-vos com o que lá tendes.

Muito bem! a resposta foi de mestre, a quem pertendiam levar na *enxurrada*, pelo antigo uso e costume; porém, d'esta vez enganaram-se e pode-se-lhes por isso applicar aquelle antigo aforismo: muito come o tolo, mas mais tolo é quem lho dá. Que dizem a isto snrs. *macaqueiros*.

Pobre povo.—O governo do senhor D. Luiz apoiou o centenario maçónico, e votou para a festa 4:000\$000 reis!!!

Quantas pedras de sal não são precisas para perfazer aquella cifra, e quantas gotas de suor são necessarias para equilibrar a receita com a despeza n'aquelle ponto?!

Trabalha pobre, come uma pequena e magra tijella de caldo para matares a fome, em quanto o teu governo dispõe, como se fôra *roupa de francezes*, de 4:000\$000 reis, que tens de pagar com as tuas lagrimas e suores!

É triste!

Assalto e assassínio.—No dia 12 do corrente, pelas 10 hora da noite, um bando de faccionaras assaltaram as casas de dois lavradores do monte Velho, a quinze kilometros da villa de Coruche, e, penetrando n'uma d'ellas, assassinaram a dona com uma facada, que lhe rasgou o seio. Em seguida, atacaram o marido da infeliz, que ficou muito ferido, e os restantes moradores, que receberam tambem alguns ferimentos graves.

Só tarde chegou a Coruche participação do occorrido.

Banco do Minho

Resumo do activo e passivo do Banco do Minho em 31 de março de 1882

ACTIVO

Caixa: existencia em metal.	132:624\$746
Agencias no paiz.	192:136\$424
Acções de conta propria.	61:800\$000
<i>Papeis de credito</i>	
Fundos Publicos, Nacionaes e Estrangeiros.	225:350\$280
Acções de Bancos.	46:050\$693
Obrigações districtaes.	68:800\$000
Hypotheças de raiz.	93:416\$853
Emprestimos sobre penhores	9:535\$130
Emprestimos a Camaras Municipaes e á Junta Geral.	110:041\$162

Letras descontadas.	356:603\$571
Letras a receber.	60:622\$021
Letras em liquidação.	45:529\$238
Agencias no estrangeiro.	117:002\$793
Contas correntes garantidas.	487:738\$136
Diversas contas devedoras.	54:442\$871
Contas em liquidação.	23:794\$535
Saques e remessas de n/c.	45:850\$196
Caução da gerencia.	42:000\$000
Effeitos depositados.	118:178\$770
Mobilia.	1:884\$303
Edificio do Banco.	35:000\$000

Reis... 2.301:422\$046

PASSIVO

Capital.	600:000\$000
Fundos de reserva.	150:000\$000
Reserva para decima.	5:300\$000
Notas em circulação.	275\$000
Depositos á ordem.	213:435\$106
Depositos a praso.	1.067:432\$585
Saques e remessas das ag.	47:324\$012
Diversas contas credoras.	64:189\$884
Letras a pagar.	4:625\$000
Imposto de rendimento.	92\$195
Dividendos a pagar.	2:465\$444
Gerencia do Banco.	42:000\$000
Crédores de effeitos depositados.	118:178\$770
Ganhos e perdas.	16:104\$030

Reis..... 2.301:422\$046

Movimento do Hospital de S. Marcos

Doentes existentes em 9 d'Abril de 1882		
Homens	80	173
Mulheres	93	
Entraram durante a semana:		
Homens	32	49
Mulheres	17	
Sahiram:		
Homens	15	25
Mulheres	10	
Falleceram:		
Homens	4	4
Mulheres	0	
Ficaram em tratamento em 15 d'Abril		
Homens	93	193
Mulheres	100	
Na mesma semana:		
Consultaram no banco	33	73
Curaram-se no mesmo	40	

ANNUNCIOS

Editos de 10 dias

Pelo juizo de Direito da Comarca de Braga, e Escrivão do 6.º Officio abaixo assignado, correm editos de 10 dias a contar do 2.º destes annuncios a chamar e citar todos os credores incertos dos Executados D. Delfina Adelaide Marques Gomes e marido Manoel Gomes da Silva Mattos, da rua das aguas d'esta Cidade, para virem deduzir preferencias dentro em dez dias findo o prazo dos editos e uzar de seus direitos sobre a quantia de 522\$224 reis, existente na caixa geral de depositos, penhorada aos ditos Executados, na execução que lhe move os exequentes Pereira Aguiar e companhia, firma Commercial da dita Cidade, resto de producto dos bens que foram arrematados nos autos de subrogação de dote existentes no cartorio do Escrivão do 2.º Officio, do dito juizo, João Marques de Araujo Ribeiro, que moveu como Autora a dita Executada, contra o dito seu marido. A dita citação é com a pena da lei, não comparecendo, e se passar aos Exequates Precatorio de levantamento.

Vae colado e inutilizado neste um sello de 10 reis.

Braga 18 de Abril de 1882, Eu Jose Luiz d'Oliveira Pessa, Escrivão subcrevi e assigno.

O Escrivão

Jose Luiz d'Oliveira Pessa.

Verifiquei a exactidão

(31) Adriano Carneiro de Sampaio.

Deposito de Chá

Na confeitaria de José Anacleto d'Araujo Figueiredo, á rua de S. Marcos n.º 15, acha-se estabelecido o deposito de Chá que existia ao Arco da Porta Nova, em casa da fallecida Maria Luiza de Jesus, antigo Agostinho; fornecido pela casa e Bento Monteiro Guimarães, do Porto. (30)

Segunda praça por metade do seu valôr

No dia 23 do corrente mez de abril voltam á praça, a qual se tem de effectuar por 10 horas da manhã, á porta do tribunal judicial sito no largo de Santo Agostinho d'esta cidade, todas as propriedades que no dia 9 do corrente não encontraram licitante, e vão agora por metade da seu valôr, propriedades estas penhoradas e louvadas na execução hypothecaria que Albano da Silva, d'esta cidade promove contra João Antonio d'Oliveira e mulher, da freguezia de S. Martinho de Escariz, da comarca de Villa Verde, a onde são situadas as mesmas propriedades, e na de Freiriz, e taes constam com seus onus nos annuncios publicados no jornal o «Amigo do Povo» nos n.ºs 521 e 522 dos dias 16 a 19 de Março do corrente anno. Quem nelas quizer lançar póde comparecer no in-

dicado dia hora e local. São também novamente citados pelo presente annuncio todos os credores certos e incertos e mais pessoas que se julguem com direito ás referidas propriedades ficando scientes do indicado dia de praça, para ali usarem querendo, do que a lei lhes concede.

Leva no lugar competente o sello de estampilha da taxa de 10 reis, inutilizado. Braga 11 d'Abril de 1882.

O Escrivão da execução
Antonio José Cunha Vianna.
Verifiquei a exactidão:
O Juiz de Direito,
Adriano Carneiro de Sampaio.

CASA FELIZ

Ignacio Torres

28—Praça do Barão de S. Mariinho—28
BRAGA

Relação dos numeros que sahiram mais premiados na casa de cambio, na extracção de 19 de abril de 1882.

1431 com 400\$000 reis, 241 com reis 100\$000, 4264 com 100\$000 reis, 3081 com 100\$000 reis.

A seguinte extracção terá logar no dia 28 de abril, sendo o premio maior 8:000\$000 reis.

O annunciante tem variadissimo sortimento de bilhetes para a loteria de Madrid que anda a 24 do corrente.

J. J. de Mesquita Pimentel

LIVREIRO-EDITOR
51, RUA DE D. PEDRO, 53—PORTO

NO PRÉLO:

O Marquez de Pombal

CEM ANOS DEPOIS DA SUA MORTE

POR

FRANCISCO D'AZEREDO TEIXEIRA D'AGUILAR
CONDE DE SAMODÃES

SUMARIO DAS MATERIAS

CAPITULO 1.º—Os centenários—Fim da presente memoria.

Capitulo 2.º—Entrada para o ministerio de Sebastião José de Carvalho—A demissão de Diogo de Mendonça Corte Real—Primeiras invasões nas immuniades ecclesiasticas—Causas da elevação de Sebastião José de Carvalho ao governo—Tratado de limites com a Espanha—Resumo de algumas providencias do principio de administração, etc.

Capitulo 3.º—Ideias do marquez de Pombal contra os Jesuitas no Brazil—Elles defendem a liberdade dos indigenas. Seus serviços—A bulla de Alexandre VI—A colonia do Sacramento e o Paraguay—Negociações com a Espanha—Tratados entre Portugal e a Espanha—Luctas na sua execução—Accusação contra os Jesuitas—Prodemos do desenlace da questão.

Capitulo 4.º—Sebastião José de Carvalho continua a preparar a ruina da Sociedade de Jesus—Benedicto XIV, o Cardeal de Passionei—Francisco de Almada e Mendonça—Instrucções de 7 de outubro de 1757 e 10 de fevereiro de 1758—Breve de Benedicto XIV de 1 d'abril de 1758—Mandado do Cardeal reformador Saldanha—Obscuridades d'esta época, em que a verdade difficilmente podia transparecer.

Capitulo 5.º—Eleição de Clemente XIII—Attentado contra o Rei D. José. Horrosa situação do paiz n'esta conjunctura—Razões que se dão na sentença da junta da incontinencia contra os jesuitas—Juizo de todos os historiadores sobre a sua indiscutivel innocencia.

Capitulo VI—Sequestro dos bens dos jesuitas e sua reclusão absoluta—Impetração de um breve pontificio para fazer executar alguns jesuitas—Lei de 3 de setembro de 1769, extinguindo os jesuitas—Correspon-

dencia confidencial do marquez de Pombal—Documentos d'essa epocha—Reflexões sobre a expulsão dos jesuitas—Jesuitas mandados para Italia—Numero dos que ficaram encerrados nos carceres em Portugal.

Capitulo VII—Os jesuitas são expulsos do Brazil—Destino que levaram os seus bens, tanto no reino como nas colonias—Breve de S. Santidade para o julgamento dos ecclesiasticos—Estado dos negocios em Roma entre o embaixador de Portugal e a Santa Sé—O Nuncio Aciavoli em Lisboa—Casamento da Princeza da Beira—Questão das luminarias—O Nuncio é expulso por modo ignominioso—Rompimento em Roma; suspensão.

Capitulo 8.º—O Padre Malagridé julgado pela inquisição—A inquisição no tempo do marquez de Pombal, instrumento docil das suas arbitrariedades—Autos de fé—A inquisição elevada a alto tribunal do Estado—Os livros contra a inquisição são queimados pelo algeiz por ordem do marquez de Pombal—Nomeação de Bispos, durante a ruptura com a Santa Sé—Tentativa theologica—Doutrinas subversivas do cesarismo ou liberalismo—O Bispo de Coimbra preso—Triste situação da Egrejs em Portugal—Superstições do marquez de Pombal.

Capitulo 9.º—Morte de Clemente XIII—Exaltação do Clemente XIV—Conciliação das duas cortes, confirmação dos Bispos eleitos—Resumo de varias medidas importantes do marquez de Pombal—Continúa a sua perseguição contra os jesuitas—Breve da extinção—Triste situação de Clemente XIV—Elogio d'este Pontifice, e seus erros—Rehabilitação da Companhia de Jesus na opinião publica e pelo pontificado—Perfil do marquez de Pombal—O centenario maçónico é uma affronta á sua memoria.

A presente oorá comprehende um volume in—12, de 300 a 400 paginas pi-
rmosamente impresso.

O seu preço por assignatura, até o dia 5 de maio será de. 500 reis.
D'esta data em diante, será elevado a. 600

PHOTOGRAPHIA ARTISTICO-ALLEMÁ

DE
Jacques Wunderli

Rua da Boa-Vista N.º 43

BRAGA

Todos os trabalhos concernentes á sua arte em todos os dias, e com todo o tempo. Trabalhos garantidos e preços commodos.
N. B.—Vae tirar retratos ou vistas em casa dos particulares, mediante ajuste vantajoso para os mesmos.

Venda de caixas de azeite

Maria d'Ascenção, viuva de Feleciano vendeiro—moradora no Largo de S. Paulo, vende por barato preço tres caixas de lata de conter azeite, forradas a madeira, levando uma cerca de 6 almudes, e as outras, uns dous ou tres ditos cada uma. (29)

Nova casa Penhorista Bracarense

Situada na rua dos Sapateiros N.º 9

BRAGA

Esta casa empresta dinheiro sobre roupas, e objectos de ouro, prata e pedras preciosas etc., etc.

Os juros são limitadissimos, como não terá competencia nas casas actualmente aqui estabelecidas no mesmo genero.

Acha-se aberto este estabelecimento todos os dias; desde as 7 horas da manhã ao meio dia, e desde as 2 da tarde ás 9 horas da noite.

Nos domingos e dias sanctificados abre ás 8 da manhã e fecha ao meio dia.

Os proprietarios-gerentes d'esta casa esperam merecer todo o favor do publico, que jámais terá motivos de descontentamento. (26)

O APOSTOLADO DA IMPRENSA

CONFERENCIAS RELIGIOSAS

QUE NOS DOMINGOS DA QUARESMA RECITOU NA SÉ CATHEDRAL DO PORTO

Monsenhor Luiz Augusto B. Vianna

EDITOR—JOSÉ FRUCTUOSO DA FONSECA

Do mesmo modo que os variados ramos da litteratura, também a oratoria sagrada, com o ser aliás a ultima a soffrer os effeitos d' um determinado mal, atravessa hoje um cyclo de decadencia lastimoza.

A perversão philosophica e social, traduzida nos immensos systemas erroneos que das escholhas passaram a avassallar o mundo até ás ultimas eminencias sociais, desnortou a razão talvez a titulo de libetal-a, atrophiou os sentimentos generosos e estancou assim as fontes da verdadeira litteratura, creando para ella um meio arido, esteril, corrupto e deleterio.

Este grande mal, porém, da nossa época nunca foi total, como nunca o foram os defeitos dos diferentes periodos que uma sociedade ou um seculo atravessa.

Como n'outros casos, também n'este a Providencia, cujo sapientismo governo a tudo se estende, suscita homens de talento superior, de sentimentos rectos e de virtude austera, homens que sabem altear-se com admiração no meio vicioso e corrompido do seculo em que vivem e subtrahir-se perfeitamente á força dominante e quasi irresistivel da corrente geral.

Assim, as suas obras, pautadas, na fórma, pelos grandes modelos classicos e inspiradas, quanto á idéa, nos ensinamentos sublimes da eterna philosophia christã, são astros de fulgentissima luz nas trevas que nos cercam, marcos que apontam o verdadeiro trilho aos transviados e palavras de vida e salvação para todos.

Precisamente d'este genero são as Conferencias, cuja edição vamos emprehender.

Recitadas durante os domingos da presente Quaresma na Sé Cathedral d'esta cidade, hão sido escutadas com a mais profunda attenção e religioso silencio por um numerosissimo e selecto auditorio.

Porisso foi que o auctor tendo de ceder ás instancias reiteradas de numerosos amigos e d'outras pessoas illustradas, que o conjuraram a que desse á estampa os seus discursos, verdadeiros modelos d'eloquencia sagrada, se dignou confiar-nos a edição dos mesmos, a qual vamos fazer, certo de que não faltará o favor publico, quando abundam tantos titulos que a elle recomendam o presente livro.

Este estará á venda no meiado do proximo mez d'abril, pelo preço extremamente modico de 200 reis.

Desde já se recebem assignaturas na administração da «Palavra» e na Livraria Religiosa de J. J. de Mesquita Pimentel, rua D. Pedro, 51 e 53.

MOURA

BRAGA

RUA DE S. MARCOS N.º 5

Vende papeis pintados para guarnecer salas, lindissimos gostos, a principar em 80 reis a peça.

Vende oleo, tintas vernizes para pinturas de casas, tudo de boa qualidade, e por preços muito resomidos.

Vende cimento romano para vedar aguas, geisso para estuques de casas, tudo de primeira qualidade.